

# FOGO MORTO

(José Lins do Rego )

*Por Onofre de Abreu*

*Do Colégio Marista Dom Silvério e do CEFET*

## 1. INTRODUÇÃO

NORDESTE

Jorge de Lima

NORDESTE, terra de São Sal!

Irmã enchente, vamos dar graças a Nosso Senhor,

que a minha madrasta SECA tomou seus anjinhos para os comer.

São Tomé passou por aqui?

Passou, sim senhor!

Pajeú! Pajeú!

Vamos lavar Pedra Bonita, meus irmãos,

Com o sangue de mil meninos, amém!

D. Sebastião ressuscitou!

S. Tomé passou por aqui?

Passou, sim senhor!

Terra de Deus! Terra de minha bisavó

que dançou uma valsa com D. Pedro II.

São Tomé passou por aqui?

Tranca a porta gente, gente, Cabeleira aí vem!

Sertão! Pedra Bonita!

Tragam uma virgem para D. Lampião!

## FOGO MORTO

José Lins do Rego:

3/6/1901 - 12/9/1957

## A GERAÇÃO DE 30

O falecimento de **José Lins do Rego Cavalcanti**, a 12 de setembro de 1957, e pouco antes o falecimento de **Graciliano Ramos**, marcam, podemos dizer, o fim do romance modernista ligado à paisagem do Nordeste. Inaugurada com **A Bagaceira**. Em 1928, foi essa tendência consideravelmente enriquecida por esses três escritores além da contribuição também importantíssima de Rachel de Queiroz e de Jorge Amado.

Sem dúvida, de todos os escritores que se firmaram como figuras representativas do grupo de romancistas modernistas do Nordeste, foi José Lins do Rego quem mais se preocupou com uma posição crítica em face de atitudes freqüentemente postas por ele em confronto com as atitudes e opiniões daqueles que, no sul, particularmente em São Paulo, fizeram a Semana de Arte Moderna e orientaram um debate crítico que se prolongou até a afirmação plena do movimento. Foi por isso, como escritor, e com a sua obra regionalista, que José Lins se tornou uma presença combativa e ao mesmo tempo criticada do movimento modernista voltado para a paisagem física e social do Nordeste.

É considerado o mais característico de nossos regionalistas. Pertence ao “**grupo nordestino**”, onde encontramos os maiores talentos de nossa literatura do “**modernismo**”: **Raquel de Queirós**, cearense, é uma das personalidades centrais do grupo — O Quinze. Herdeiro direto de Machado, o mais introspectivo e analítico, com grande perspicácia psicológica em suas análises, é Graciliano Ramos (Vidas Secas, elemento importante do “Grupo Nordestino”. Jorge Amado, o mais popular e também o mais engajado politicamente. (Serra Vermelha, Capitães de Areia).

A literatura desse momento é de tendências para a elaboração de romances sociais ou socializantes.

Neste momento (1930-45), temos a retomada de um aspecto já existente na literatura brasileira que é o **Regionalismo**. É um, no entanto, regionalismo novo, devido aos novos aspectos é à nova visão apresentada. O lado exótico, através do qual era retratado o Brasil por José de Alencar, Franklin Távora, desaparece por completo. O falso e superficial dissipou-se para que se mostrasse um Brasil doente, miserável, faminto que estava escondido sob a casca de um litoral “civilizado”. Começamos a ver o caboclo do interior, abrimos os olhos para uma série de problemas existentes, constatamos o baixíssimo padrão de vida, a seca, o banditismo, a superstição, conseqüências do analfabetismo e da situação totalmente marginalizada de nossa gente. Uma população dominada por uma minoria poderosa.

É uma literatura agressiva que mostra o real sem máscaras.

A literatura, então, reflete a situação política, econômica e social do Brasil. As faces do Brasil aí aparecem: o domínio da oligarquia cafeeira que sustenta o poder e a defesa de seus interesses das propriedades oligárquicas açucareiras que não resistem à dominação do café. A presença do sistema político sustentado pelos acordos e interesses, mantido pelos Estados que se apóiam nos coronéis dos municípios uma denúncia séria do romance regionalista nordestino.

É claro que cada escritor manifesta tendências diferentes, dependendo da região de origem ou mesmo de ideologia política, pois somos vários países em um, várias realidades dentro de uma só nação.

## AUTOR E OBRA

José Lins do Rego Cavalcanti

*(Engenho Corredor, Paraíba, 1901 — Rio, 1957).*

“José Lins, o motor que só funciona bem queimando bagaço de cana.” (Manuel Bandeira).

Em 1947, José Lins se apresenta:

“Tenho quarenta e seis anos, moreno, cabelos pretos, com meia dúzia de fios brancos, um metro e 74 centímetros, casado, com três filhos e um genro, 86 quilos bem pesados, muita saúde e muito medo de morrer. Não gosto de trabalhar, não fumo, não durmo com muitos sonhos, e já escrevi 11 romances. Se chove, tenho saudades do sol, se faz calor tenho saudades da chuva. Sou homem de paixões violentas. Temo os poderes de Deus, e fui devoto de Nossa Senhora da Conceição. Enfim, literato da cabeça aos pés, amigo de meus amigos e capaz de tudo se me pisarem nos calos. Perco então a cabeça e fico ridículo. Não sou mau pagador. Se tenho, pago, mas se não tenho, não pago, e não perco o sono por isso. Afinal de contas, sou um homem como os outros. E Deus queira que assim continue.”

E assim continuou — felizmente para ele mesmo, para seus amigos e até para seus possíveis inimigos. Extrovertido, exuberante, incapaz de rancores, apaixonado, amando a vida por ela mesma, interessando-se por tudo, tornando-se enfim um verdadeiro cronista do Rio, sobretudo nas suas conhecidas “Conversas de Lotação”, coluna que manteve durante vários anos no vespertino carioca, **O Globo**.

## LER A OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO É LÊ-LO.

### JOSÉ LINS DO REGO — O menino — O engenho — O escritor

A obra de José Lins do Rego é a sua própria realidade, o seu eu. É profundamente triste. É a tristeza de nossa gente, da sua gente, da sua terra. É a melancolia do Brasil. Há a consciência em sua obra de tudo que está para morrer. A consciência do pobre, do miserável.

Seu tema é o Nordeste, a Paraíba, os engenhos de cana-de-açúcar; na verdade, a decadência destes engenhos e dos coronéis que os dominam. Uma oligarquia que não resiste á chegada do capital estrangeiro, da industrialização. São engenhos de **Fogo Morto**. Conta a decadência do patriarcalismo no Nordeste do Brasil, com as inúmeras tragédias, apresentadas com profundidade, tristeza e, em alguns momentos, com aspectos de humor. O humor que era constante no ser humano Lins do Rego.

Ele é a expressão literária da cultura da sua terra. Conhece a realidade da casa grande, de onde veio, é da senzala que conheceu as misérias. Retrata-nos os senhores de engenho, os bacharéis, meio-social que é o seu. Mas, também o mundo dos pretos, recém-libertados e vistos com preconceitos como é comum em todas as regiões do Brasil, onde predominou a mão-de-obra escrava. É a sua memória, o seu mundo que passa a ser literatura.

Sua obra é mais que um documento sociológico. Está viva, pois é a vida, a realidade do autor que nela está contida. Em toda sua produção é constante a fidelidade ao material acolhido para seu trabalho. Existe uma íntima integração entre o autor e Suas personagens, ambientes e tragédias nelas contidos.

Embora retrate o povo e analise seus problemas, não podemos dizer que sua literatura seja “popular” ou de gosto do povo. É uma obra trabalhada intelectualmente e feita para ser analisada. Não é um passatempo, mas um documento de análise.

## A OBRA

O próprio Lins do Rego divide sua obra em ciclos:

1. **CICLO DA CANA-DE-AÇÚCAR**, com as obras: **Menino de Engenho**, **Doidinho**, **Bangüê e Usina** e a última e mais importante que é **Fogo Morto**, da qual trataremos com mais vagar.

Este é o ciclo mais importante de sua obra. Principalmente as duas primeiras (Menino do Engenho e Doidinho) são consideradas autobiográficas, pelo grande número de coincidências entre o enredo e a própria vida. Por parte do autor, nunca tivemos confirmação de tal consideração a que chegamos pela análise da vida e da obra.

José Lins do Rego, homem ligado à terra, a legítima expressão da tradição rural, patriarcalista, da região açucareira do Nordeste, exprimiu uma experiência e emotividade consideravelmente enriquecidas, crítica e sociologicamente, por estímulo e sugestões de Gilberto Freyre, José Américo de Almeida e Olívio Montenegro.

Seu mundo canavieiro e escravocrata é cenário de diferenças e distorções brutais da vida, moduladas, contudo, pela reminiscência, pela paisagem da zona da mata, contradições entre o real e o afetivo, que a cada passo vão aflorando em sua obra.

2. **CICLO DO CANGAÇO**, misticismo e seca: **Pedra Bonita** (1938), **Cangaceiros** (1953).

3. **OBRAS INDEPENDENTES**.

a) com implicação nos dois ciclos indicados: **O Moleque Ricardo** (1934),

**Pureza** (1937), **Riacho Doce** (1939).

b) desligados desses ciclos: **Água-Mãe** (1941), **Eurídice** (1947).

4. MEMÓRIAS: **Meus Verdes Anos** (1956).

5. CONFERÊNCIAS E JORNALISMO: **Gordos e Magros** (1942), **Pedro Américo** (1943), **Poesia e Vida** (1945), **Conferências no Prata** (1946), **Homens, Seres e Coisas** (1952), **A Casa e o Homem** (1954), **Roteiro de Israel** (1954), **Presença do Nordeste na Literatura Brasileira** (1958) e o **Vulcão e a Fonte** (1958).

6. LITERATURA INFANTIL **Histórias da Velha Totônia** (1936).

## SINTESE INTERPRETATIVA

**Fogo Morto** — A OBRA-PRIMA — Ciclo da Cana-de-açúcar.

A obra está **estruturada** em três partes que correspondem ao enfoque que se dá às três personagens mais importantes da obra: sapateiro José Amaro, Coronel Lula de Holanda Chacon e Capitão Vitorino Carneiro da Cunha.

Cada uma destas personagens, na verdade, sintetiza certa classe da população. Todas as três são envolvidas por um cenário de miséria, superstição e doença. Como a dirigir o destino de seres inanimados, encontramos a politicagem, a prepotência policial que defende as minorias fortes. A única possível para tal situação é o cangaço.

**Fogo Morto** é um comovente drama político, em que figuram protagonistas maiores como **Zé Amaro**, o seleiro, e seu compradre **Vitorino Carneiro da Cunha**.

A primeira parte — O MESTRE JOSÉ AMARO — caracteriza dinâmica e necessária-mente o desenlace trágico.

É o velho seleiro frustrado, que mora com a mulher e filha nas terras de engenho de Santa Fé, cujo dono é o Coronel Lula de Holanda Chacon. É um desiludido com a profissão, com a vida familiar, com sua filha solteira sempre chorando pelos cantos e sua mulher a resmungar.

Zé Amaro vive na zona da mata, onde as pessoas são praticamente posse de outras pessoas, enfim, onde o escravismo deixou seus vincos na atmosfera dos costumes. Zé Amaro vive de fazer artefatos de couro, pequenos consertos. Isso é seu direito à liberdade, especialmente a liberdade de afirmar-se livre, de contestar, pelo discurso, a ordem opressiva instituída pelos hábitos patriarcais. Zé Amaro é um desses tipos que fazem lembrar a frase de Camus, segundo a qual a arte verdadeira deve ser “a expressão da mais elevada revolta”. Nem lhe falta o lado íntimo da desgraça: sua filha é louca,

vive chorando pelos cantos da casa, sua mulher não o compreende, melhor diríamos, não está à altura de seu registro existencial (e por isso o abandona). Zé Amaro está sozinho em sua revolta: essa solidão — em meio a pessoas que o visitam e convocam — é o que o faz voltar-se para o cangaceiro Antônio Silvino, perseguido pela volante estadual. Mestre Zé Amaro torna-se um colaborador secreto do famoso cangaceiro, e seu fim estará ligado a esse pacto.

José Amaro é o trabalhador branco livre do Nordeste. Por ser branco, revela um forte orgulho, o que nos demonstra a existência de preconceitos raciais, encontrados no Brasil nas regiões onde predominou a escravidão. Valorizando-se por ser livre e principalmente branco, José Amaro tem uma alta consciência de seu valor humano. Percebe que é explorado e não quer aceitar, mas não tem alternativa a não ser sua coragem pessoal ou o apoio ao Cangaço. Daí sua admiração pelo cangaceiro Antônio Silvino.

A segunda parte é “O Engenho do Seu Lula”: prospecção que historia a fundação do engenho Santa Fé, de que viria a apropriar-se o coronel Lula de Holanda Chacon, ao casar-se com Amélia, filha do antigo proprietário e fundador, capitão Tomás Cabral de Melo. Lula de Holanda Chacon é autoritário e prepotente. Incapaz, arruína o Santa Fé, que se torna um “fogo-morto” (expressão com que se denominam os engenhos decrépitos e paralisados). E contra ele (e contra tudo que ele representa) que se revoltam mestre Zé Amaro e cangaceiros como Antônio Silvino.

**Coronel Lula de Holanda Chacon** é representante da aristocracia arruinada dos engenhos. Não perdeu o orgulho feudal e despótico, mas o poder econômico. Não aceitando tais condições, refugia-se em Deus, no amor ao passado, não abandonando suas ambições e vaidades. Humilhado diante da decadência e sofrendo as pressões do cangaço, acaba se confinando em total isolamento.

Finalmente, “O Capitão Vitorino” é a **terceira parte**. Compadre de Mestre Zé Amaro, Vitorino Carneiro da Cunha encarna alguns traços de Dostoiévski e Cervantes. Nele há um irresistível pendor à bravata (ao contrário de seu compadre, tenso e sóbrio, embora eloqüente). Vitorino é radical na ação momentânea, (e espalhafatosa, embora bem intencionada), mas moderado no pensamento político (ao contrário de Zé Amaro). Vitorino ainda acredita numa virada política para ares liberais, ainda crê que o problema central da política é de ordem puramente moral, e põe enorme fé nos poderes da justiça. Desconhece as ligações de seu compadre com o bando de Antônio Silvino, cuja ação também condena como condena aos desmandos da polícia comandada pelo tenente Maurício, o mesmo que o manda para a prisão, junto com seu compadre. As sevícias da prisão constituem o fundo trágico em que se modulam os perfis definitivos de Zé Amaro e Vitorino Carneiro da Cunha.

**Vitorino Carneiro da Cunha** é o eterno opositor, corajoso, simplório, aceita todas as lutas, é um idealista sempre ao lado dos mais fracos.

É um misto de plebeu e aristocrata. Seu parentesco distante com o Coronel José Paulino autorizou a que se outorgasse o título de capitão. Poderíamos considerá-lo como um representante das camadas médias que começam a surgir. O próprio autor e muitos estudiosos analisam **Vitorino** como sendo um misto de D. Quixote e Sancho Pança. É o Quixote idealista, lutando ao lado dos fracos e dos oprimidos em busca da justiça. Buscar a justiça no Nordeste é lutar contra moinhos de vento. Montado em seu burro velho, o gordo, alegre, espirituoso Sancho Pança aceita pacificamente as perseguições e amolação dos moleques.

Em relação a esta estrutura, não se pode negar que é a presença de Vitorino que lhe assegura a unidade e evita que a narrativa se enfraqueça, que por assim dizer recomeça três vezes, e articula a mesma em três (3) seções.

**Fogo Morto**, então, se desenvolve em três tempos, sendo José Amaro, o Coronel Lula de Holanda e Vitorino Carneiro da Cunha a tônica de cada uma.

**A estrutura episódica** do romance centra-se nos três protagonistas que se inter-relacionam entre si e com os demais personagens, juntando-se no desfecho.

Os personagens principais e secundários são apresentados na exposição do enredo para se desenharem com mais perfeição no decorrer da trama. O enredo complica-se gradativamente, em cada uma das três partes atingindo o clímax.

O enredo apresenta **três clímaxes** correspondentes a cada personagem ou cada parte: **o primeiro**, quando o mestre José Amaro se encontra sozinho, sua mulher vai embora, sua filha já está no sanatório; **o segundo**: Amélia está na casa-grande, com o marido epilético Antônio Silvino chega ao Santa Fé; o terceiro, quando Vitorino é preso pelo tenente Mauricio. Cada clímax apresenta sua solução: **suicídio** para José Amaro, **O Fogo Morto** para o engenho, a **Libertação** para Vitorino.

1. “— Estava morto, Capitão.

— Morto? — gritou Vitorino. O meu compadre José Amaro morto?” (pág. 290).

2. “— E o Santa Fé quando, Passarinho?

— Capitão, não bota mais, está de fogo morto.” (pág. 290).

3. “Mas vitorino mandava no que era seu, na sua vida. As feridas que lhe abriam no corpo não queriam dizer nada. Não havia força que pudesse com ele.” (pág. 284).

## RESUMO

Romance conta uma história e nela reside a base para uma interpretação segura.

*“O Santa Fé é um pequeno engenho que prospera nas mãos do eficiente Capitão Tomás.”*

“Capitão Tomás Cabral de, Melo chegara do Ingá do Bacamarte para a Várzea de Paraíba, antes da revolução de 1948, trazendo muito gado, escravos, família e aderentes. Fora ele que fizera O Santa Fé. Ele mesmo dera ao engenho que montou o nome de Santa Fé. Tudo se fizera a seu gosto. Depois compram aos índios algumas quadras de catinga, e o Santa Fé pôde subir para os altos, ter a sua pequena mata de angico, crescer um pouco junto ao mundo que era o Santa Rosa. O Capitão vinha dos Cabrais do Ingá, gente de posses, de nome feito na Província.” (pág. 135).

*Sua filha, Emélia, que era moça de estudos, só consegue casar-se após longa e ansiosa espera.*

“A verdade que uma filha fora para o colégio das freiras no Recife. Queria fazer sua família gente de verdade. Não queria mulher dentro de casa fumando cachimbo, sem saber assinar o nome, como tantas senhoras ricas que conhecia.” (pág. 137).

“A filha voltava dos estudos, uma moça prendada, assombrando as outras com os seus dotes.” (pág. 137).

“O capitão dormia com a filha na música, aos domingos, com os negros parados, com a terra dando vida às sementes.” (pág. 139).

“Foi quando apareceu, em visita ao capitão, um rapaz de Pernambuco, um filho de António Chacon.” (pág. 141)

“Era o parente Luis César de Holanda Chacon.” Era um rapaz cerimonioso, de boa aparência, trato fino. D. Amélia engraçou-se do primo.” (pág. 141) “Nunca o piano falara com tanto sentimento”

Seu marido, Lula, a princípio não se interessava pelo Engenho. Ao sofrer uma desfeita de um simples camumbembe que lhe escondera um escravo, o capitão cai em depressão e sua mulher é obrigada a tomar as rédeas dos negócios de Santa Fé.

“O Capitão vivia como se tivesse sido atacado de doença grave.

A casa-grande do Santa Fé ficara assim, muda, de repente.” (pág. 155).

“E além de tudo, onde um filho para vingar o pai ofendido, onde um homem de sua gente que pudesse desagrá-lo? Havia um genro, muito bom homem, um mole, um leseira” (pág. 156).

*O Capitão Lula começa, então, a mostrar sua personalidade, surrando escravos sem necessidade e D. Mariquinha não suporta os investidos do genro que quer a todo custo o comando do engenho, o que causa a morte de D. Mariquinha.*

“Via-se seu Lula gritando com os negros” (pág. 157).

“D. Mariquinha do Santa Fé resolveu dar as ordens no engenho. Custara-lhe muito tomar aquela decisão.” (pág. 157).

“D. Mariquinha começara a perder todo aquele encanto que lhe dera o primo Lula.” (pág. 160).

— Sinhá, Chiquinho não fez nada. Seu Lula “gosta de dar em negro, Sinhá.” (pág. 160).

“Chegou a abolição e os negros do Santa Fé se foram para os outros engenhos.” (pág. 168).

Sob o comando de Lula o Santa Fé caminha para a extinção. “Seu Lula já estava velho. Da. Amélia aquela criatura sumida, mas sempre com seu ar de dona, Neném uma moça que não se casava. D. Olívia falando, falando as mesmas coisas. ESTA ERA A CASA-GRANDE DO SANTA FE.” (pág.191).

*O Mestre José Amaro, seleiro que ocupava um pedaço de terra no Santa Fé desde os tempos do Capitão Tomás, começa a se desentender com Lula e apóia com pequenos serviços o cangaceiro Antônio Silvino que vinha humilhando a polícia e os coronéis demonstrando mais e mais o seu poder. Isso provoca a vinda do Tenente Maurício com a missão de acabar com o cangaceiro, servindo-se para isso, de maneira abusiva, de sua autoridade, o que revoltava o povo e fazia crescer a autoridade e popularidade de Antonio Silvino.*

— Bom dia, mestre Zé — foi dizendo o pintor Laurentino a um velho, de aparência doentia, de olhos amarelos, de barba crescida.

— Está de passagem, seu Laurentino?

— Vou ao Santa Rosa. O coronel mandou me chamar para um servicinho de pintura na casa-grande. Vai casar filha.

(. . .)



— Vai trabalhar para o velho José Paulino? É homem bom, mas eu lhe digo: estas mãos que o sr. vê nunca cortaram sola para ele. Tem a sua riqueza, e fique com ela. Não sou criado de ninguém. Gritou comigo, não vai. (pág. 3).

“Pedro Boleeiro chegou na porta do mestre José Amaro com um recado do Coronel Lula. Era para o mestre aparecer no engenho para conserto nos arreios do carro. O Mestre ouviu o recado, deixou que o negro falasse à vontade. E depois, como não tivesse gostado, foi se abrindo Com o outro.

— Todo o mundo pensa que o mestre José Amaro é criado. Sou um oficial, seu Pedro, sou um oficial que me prezo.” (pág. 13).

“Hein, mestre José Amaro, o seu pai matou em Goiana, não é verdade, hein, mestre José Amaro? Eu não quero assassino no meu engenho. Não é, Amélia? Pode procurar outro engenho, ouviu? Procure outro engenho. (pág. 121).

*O Capitão Vitorino que era o palhaço do povo é contudo, o único a lutar, sem medo, por seus interesses, contra o tenente que lhe valheu boas surras e noites e noites na prisão.*

“Numa noite de escuro, **Antônio Silvino** atacou o Pilar. Não houve resistência humana.” (pág. 205).

“— Papa-Rabo, Papa-Rabo.

E no silêncio da tarde a voz roupa do compadre, respondendo:

“— É a mãe, é a mãe.” (pág. 218).

“— Não estou pedindo sua opinião, velho.

— Sou o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha,” (pág. 226).

“A tropa saiu com o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha todo amarrado de cordas montado na burra velha que os soldados chicoteavam sem pena. (pág. 226)”.

*José Amaro, sem mulher e filha no sanatório, causando terror no povo, volta para casa quando solto, casa de onde fora expulso por Lula de Holanda e mata-se.*

“O mestre não pensava em nada. Havia dentro dele um vazio esquisito. Teve medo de voltar para dentro de casa. E ali mesmo, por debaixo da pitombeira, baixou a cabeça e chorou como um menino.” (pág. 134).

“. . . e viu a coisa mais triste deste mundo. O mestre estava caído perto da tenda, com a faca de cortar sola enterrada no peito.

— Estava morto, capitão.

— Morto? — gritou Vitorino. — O meu compadre José Amaro morto?” (pág.290)

*O Santa Fé é agora nada mais que um pedaço de terra parado completamente sem produção.*

“— E o **Santa Fé** quando bota, Passarinho?

— Capitão, não bota mais, está de fogo morto”. (pág. 290).

## ESTUDO DAS PERSONAGENS

Os personagens são tipos, na medida em que representam uma determinada estrutura sócio-econômica.

A apresentação dos personagens é feita ao leitor, **diretamente**, por meio de **monólogos e diálogos** ou **indiretamente**, através das relações **personagens-meio ambiente**.

“Estou velho, estou acabado, não tive filho para ensinar o ofício, pouco me importa que não me procurem mais. Que se danem. O mestre José Amaro não respeita lição de ninguém. (pág. 5)

— Bom dia, Capitão.

Vitorino rosou um bom-dia de favor. E o negro sem dar pela coisa se dirigiu ao velho:

— Capitão, tem aí um cigarro para o negro?

— Não tenho cigarro para vagabundo.

— Um cigarrinho, Capitão.

Então Vitorino metendo a mão no bolso:

— Toma lá. Isto me deu um filho de Anísio Borges que chegou dos estudos, e fumo de Bahia, é muito fraco.

Embora os personagens se cruzem para formar o todo do livro, podemos afirmar que o enredo se arma em torno de três principais que se completam no decorrer da narrativa.

### 1. O MESTRE JOSE AMARO

**Representa o povo ordeiro, trabalhador e esquecido do Nordeste.** Branco orgulhoso. Valorizando-se por ser livre e branco, o mestre tem consciência de seu valor humano. Percebe-se explorado e não há solução a não ser o cangaço. Daí sua admiração pelo cangaceiro Antônio Silvino. Vive o presente de maneira emocional. Símbolo da decadência do artesanato rural, do respeito ao cangaço, enquanto proteção aos pobres e castigo aos maus.

“Ele queria mandar em tudo como mandava no couro que trabalhava, quer bater em tudo, como batia naquela sola.” (pág. 8).

“Era pobre, atrasado, um lambe-sola, mas grito não leva.” (pág. 9)

“A bondade dele não me enche a barriga. Trabalho para homem que me respeite. Não sou um traste qualquer.”

“Ele não queria ouvir voz de ninguém. Queria ser só neste mundo que não lhe dava alegria. Aqueles diabos tinham corrido com medo dele. Por que tinha medo dele? A sua teria também medo dele? Estaria assim tão monstruoso que espantasse o povo?”

## 2. O CORONEL LULA DE HOLANDA

**Representa a aristocracia arruinada dos engenhos.** Vive o passado, os tempos de abundância. Simboliza a recusa ao progresso. Sublima seu orgulho em um misticismo supersticioso. Não perdeu o orgulho feudal e despótico, mas o poder econômico. Confinava-se em total isolamento diante da opressão do cangaço.

Lula de Holanda e José Amaro conseguiram algo em comum: os dois se degradam, individual e socialmente.

“O Lula sabia manter uma palestra com qualquer doutor que lhe aparecesse em casa. (. . .) O diabo era ele não tomar gosto.”

“A figura de Seu Lula continuava, para a credence do povo, como de homem, marcado pelo demônio. Viam a piedade, a cara de tristeza, a cabeça baixa do senhor de engenho, quando se levantava para a mesa da comunhão, tudo não passava de artimanha. De solércia, de hipocrisia. Lá dentro de seu coração estava à peçonha venenosa, o ódio contra todos os homens.”

“Havia um genro, muito bom homem, um mole, uma leseira.”

## 3. VITORINO CARNEIRO DA CUNHA

**Representa o herói pícaro**, aquele que, por seu humor e lirismo, desperta a simpatia do leitor. Idealista, sonhador, o que enfrenta os moinhos. Vitorino lembra **os cavaleiros andantes** da Idade Média, em sua errância pelos sertões, sem uma ocupação definida, em luta quixotesca contra as injustiças sociais.

E o eterno opositor, simplório, aceita todas as lutas, é um idealista sempre ao lado dos mais fracos.

E uni misto de plebeu e aristocrata. Seu parentesco distante com o Coronel José

Paulino autorizou a que se outorgasse o título de Capitão.

Poderíamos considerá-lo como um representante das camadas médias que começam a surgir.

Buscar a justiça no Nordeste é lutar contra os moinhos de vento.

Montado em seu burro velho, o gordo, alegre, espirituoso Sancho Pança aceita perfeitamente as perseguições e amolação dos moleques.

“Vitorino falou para o homem num tom agressivo:

— Tenente, por aqui é que o senhor não encontra o bandido. Era por aqui que andava o major Jesuíno, atrás dos cangaceiros, e nunca disparou um tiro.

— Não estou pedindo sua opinião, velho.

— Sou o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha.

(. . .) Cala a boca, velho besta.

— Só quando a terra comer, tenente. Vitorino Carneiro da Cunha diz o que sente

— Pois não diz agora.

— Quem me empata? O Senhor? Ainda não nasceu este.”

“O Capitão Vitorino Carneiro da Cunha (Papa-Rabo) é homem para o que der e vier.” (pág. 19).

## DEMAIS PERSONAGENS

Os personagens secundários estão intrinsecamente ligados aos personagens principais. Desta ligação, temos como resultado uma narrativa da tristeza do nordestino, das suas dificuldades durante o período de transição engenho-usina.

**Sinhá, Amélia** e Adriana, são, respectivamente, mulheres de Amaro, Lula e Vitorino. Sinha e Adriana são pobres, humildes, sofredoras com o procedimento dos maridos e a distância dos filhos. Amélia é a senhora de engenho, moça prendada e educada na cidade, porém tal educação resulta inútil no contexto da casa-grande.

**Marta, Neném e Luís** são os filhos de Amaro, Lula e Vitorino. Marta enlouqueceu Neném fica solteira e Luís vai para a Marinha. **Todos estão condicionados pelo meio. As mulheres esperam um casamento, frustrado, em conseqüente espera de solução individual.** A opção de Luís revela-se como possibilidade de ascensão social, mas permanece, ainda, o condicionamento do meio ambiente.

De uma forma geral, todos os outros personagens secundários: os negros Floripes e Passarinho, os senhores de engenho José Paulino e capitão Tomás, o cego Torquato, o cabra Alípio, o mascate Pascoal Italiano, juiz, prefeito, tenente Maurício constituem o universo simbólico dos **engenhos de açúcar**. Cabe lembrar Antônio Silvino, mito dos pobres, defensor **dos oprimidos, uma hipótese de redenção para o povo nordestino.**

## TENENTE MAURÍCIO

Opressor, comanda uma tropa de facínoras mais temíveis que os próprios cangaceiros.

“— Tenente de Merda.

Uma bofetada na cara do capitão fez correr sangue da testa larga.

— Amarre este velho, e vamos com ele para a cadeia do Pilar.” (pág. 226)

## NEGRO PASSARINHO

Cantor ingênuo, escravo recém-libertado corroído pelo vício da bebida.

“— Este capitão veio do céu.

E saiu cantando baixo:

Encontrei com Santo Antônio

Na ladeira do Pilar

Gritando para todo mundo

— Este copo é de virar. (pág. 215)

“— Tem bom coração. E é prestativo que só ele.”

## CORONEL JOSÉ PAULINO

Senhor de engenho, poderoso, que se acomoda e alia a todos os governos.

“— Vai trabalhar para o velho José Paulino? E bom homem, mas eu lhe digo: estas mãos que o sr. vê nunca cortaram sola para ele.” (pág. 3)

## O CEGO TORQUATO

Agente de ligação do cangaceiro Antônio Silvino.

“O cego Torquato se encontrara com ele na várzea do Oitero e lhe contara tudo. (pág. 216)

## CABRA ALÍPIO

Devotado de Corpo e alma ao cangaço.

## ADRIANA

Mulher de Vitorino.

## SINHÁ

Mulher de José Amaro.

(Duas mulheres nascidas para a dor e paciência).

Estas personagens são figuras vivas, seres reais repletos de problemas e angústias. Não são caricaturados de forma convencional. São, isto sim, sínteses fortes e bem realizados de um dos maiores romancistas de costumes de nossa literatura.

É importante constatar como a linguagem encontra-se em **adequação** com os personagens, reveladora do ser de cada um: em **José Amaro** é **interiorizada**, mais recordações do que diálogos, em **Vitorino**, o vocabulário apresenta **vulgaridades**, caracterizando a **extrospecção** e o cômico do personagem.

## FOCO NARRATIVO

**Fogo Morto** é narrado em 3ª pessoa. É externo o ponto de vista do narrador, pois este não participa dos acontecimentos narrados. Ele **conta a sua história**, retrato de uma época.

O narrador é onisciente, mostra o pensamento dos personagens, suas dúvidas, problemas e devaneios do povo dos engenhos nordestinos.

“O assalto ao Santa Fé encheu o noticiário dos jornais. A finura de Vitorino, ferido, espancado, apareceu como homem de coragem que não temia perigo de espécie alguma. (pág. 202)

“O mestre ia calado, pisando rio chão como se estivesse com o corpo quebrado.” (pág. 289)

“Chegou a abolição e os negros do Santa Fé se foram para outros engenhos.” (pág.169).

Os fatos, dentro de cada uma das três partes, ocorrem em **ordem cronológica**, normal, a do andar do relógio. As memórias, em fluxos de consciência, fluem do pensamento dos personagens. Estas referências ao passado — flash-backs contribuem para retardamento do tempo narrativo e ajudam ao leitor na caracterização dos personagens e de suas relações com o meio ambiente e assim se torna evidente o momento histórico em que se situam.

“O capitão vinha dos Cabrais do Ingá, gente de posses, de nome feito na Província. Os roçados de algodão destes homens tinham fama. Falava-se que o velho Cabral tinha mais de quinhentos escravos nos eitos de seus roçados. Mas o Capitão Tomás descera para a Várzea. Tinha filhos e pensava dar ao seu povo uma criação melhor. E assim liquidaria a herança na partilha e chegara ao Pilar, para ser senhor de engenho.” (pág. 135)

“Teve medo de voltar para dentro de cada. E ali mesmo por debaixo da pitombeira. baixou a cabeça e chorou como um menino.” (pág. 134)

## CRITÉRIO DE VEROSSIMILHANÇA

A narração é espontânea à semelhança da vida que o enredo retrata. Os fatos apresentados são de dentro de uma realidade em extinção: o feudalismo do senhor de engenho. A situação sócio-econômica é apresentada de modo bem claro. Conclui-se, com a leitura do macro-texto, que o critério é realista, a verossimilhança é realista. A linguagem retrata igualmente a verossimilhança.

“Pedro Baleeiro chegou na porta do mestre José Amaro com um recado do Coronel Lula. Era para o mestre aparecer para o conserto nos arreios do carro.” (pág.13)

“— Como eu ia. Ihe dizendo, compadre, para se tratar com mulher, só com chicote. No mais é perder tempo. Quinca do Engenho Novo pegou a dele, amarrou num carro de boi e mandou largar a bicha na bagaceira do sogro.” (pág. 215).

— Muito boa tarde para todos. Estou chegando do Pilar, minha gente. Não estou bebo, não. Até vi lá o capitão. Está brabo.”(José Passarinho). (pág. 247)

A repercussão da obra quando da sua publicação e até os dias de hoje é muito grande, pois temos aí apresentada a vivência de nosso povo, um documento de uma época. O autor conta o que viu e viveu. É literatura que parte do real concreto, vida, para realizar o real simbólico. Literatura, realidade analógica.

## MEIO AMBIENTE

Pilar e seus arredores é a ambiência que o romance mostra — é o sertão nordestino. É o tempo do Engenho: casa-grande, casa-de-taipa, roçados de algodão, sombra de pitambeira, carne-do-ceará, tocinho no braseiro, cabriolé, cavalos.

Hábitos pré-estabelecidos, ações pré-determinadas, crenças modelando hábitos e ações. Fugir ao comum é ser elemento estranho.

O homem vai-se fazendo. A degradação do engenho favorece o condicionamento. A opressão se dá através de fatores físicos e mentais.

Dentro de tal situação aparecem as situações líricas resultantes de situações individuais e do ponto de vista de determinada situação.

“É triste, Sinhá. Mas Deus dá jeito a tudo.” (pág. 247).

“O mestre Amaro já estava acostumado com aquele cantor de um pássaro livre. Que cantasse à vontade. Batia forte na sola, batia para doer na sua perna que era torta.” (pág. 13).

“O mestre José Amaro, arrastando a perna torna, foi chegando para a mesa posta, uma pobre mesa de pinho sem toalha. E comeram o feijão com a carne-de-ceará e tocinho torrado.” (pág. 5).

“E no passo largo, de chapéu novo espelhando ao sol, desapareceu por trás das cabreiras.” (plantas leguminosas) (pág. 216).

## ESTILO

José Lins do Rego criou um estilo só dele: sintaxe pessoal, períodos curtos, ordem direta, adjetivação enxuta e essencial, modismos e idiotismos, substância medular da fala do povo.

Em **Fogo Morto**, a narração descritiva cede lugar à dialogação constante, que tem vivacidade e a concretude de linguagem coloquial. Este uso combinado da dialogação com a linguagem coloquial é fator decisivo de classificação de individualidade do autor, José Lins do Rego.

“— Compadre, eu não estou pensando nestas coisas. Vivo aqui nesta tenda, e quero sair para o cemitério.”

— Besteira, O compradre tem o seu voto.

— O que é um voto, meu compadre?

— Um voto é uma opinião. E uma ordem que o sr. dá aos que estão em cima, O sr. está na sua tenda e está mandando num deputado, num governador.

— Compadre Vitorino, eu só quero mandar na minha família.” (pág. 82)

A forma escrita apresenta em plena adequação com o conteúdo transmitido, isto é, **a linguagem regional**, cheia de **brasileirismos**, reiteira a temática da obra.

E importante notar como a **linguagem encontra-se em adequação** com os personagens, revelando o ser de cada um: em José Amaro é interiorizado, mais recordações do que diálogos:

“Muito trabalho, mestre Zé?

— Está vasqueiro. Tenho uma encomenda de Gurinhém. Um tangerino passou por aqui e me encomendou esta sola e uns arreios. Estou perdendo o gosto pelo ofício. Já se foi tempo em que dava gosto trabalhar numa sola. Hoje estão comprando tudo feito. E que porcarias se vendem por aí! Não é para me gabar. Não troco uma peça minha por muita preciosidade que vejo.” (pág. 4)

Zé Amaro é sério, **pessimista, contido**.

Em Vitorino, o vocabulário apresenta vulgaridade, **configurando a extrospecção e o cômico do personagem** e porque não a **veia boateira e alarmista**:

“— Não estou pedindo sua opinião, velho.

— Sou o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha.

— Não estou perguntando o seu nome.

— Mas eu lhe digo.



- Então passe de largo e siga o seu caminho.
- Não me faz favor, tenente.
- Cala a boca, velho besta.
- Só quando a terra comer, tenente. Vitório Carneiro da Cunha diz o que sente.” (. . .)

Vitorino saltou da burra e se fez no punhal. Mas já estava dominado pelos soldados. E gritava:

— Tenente de merda.” (pág. 227)

“— Papa-Rabo!

— Papa-Rabo é a mãe.”

O estilo de época é o **Modernismo**. A utilização de **uma linguagem coloquial e predomínio da ordem direta**:

“Bom dia, seu Laurentino. O senhor vai desculpar. O Zeca tem cada uma! É almoço de pobre.

— Nada, D. Sinhá, só fiquei porque não sou homem de cerimônia. Pobre não repara. (pág. 5).

## OS REGIONALISMOS

“Viam aquele homem de fora, com jeito de Comumbembe, trabalhando para ele mesmo (pág. 137).

“E comeram feijão com carne-de-cerá e tocinho torrado.” (pág. 5).

“... as folhas da pitombeira que sombreava a sua casa de taipa, de telheiro sujo. Lá dentro estava a família. Sentia-se cheiro de panela no fogo, chiado de toucinho no braseiro que enchia a casa de fumaça” (pág. 3).

## A EXPLORAÇÃO DO FOLCLORE BRASILEIRO

“Filho que faz isto ao pai / Bem merece ser queimado /

Por sete couros de lenha / e por mim bem atiçados.

Filho que faz isto ao pai / Bem merece ser degolado.

Por sete folhas de navalhas / E por mim bem afiadas. (pág. 67)

**Linguagem coloquial, predomínio de ordem direta, regionalismos, exploração do folclore brasileiro determinam** a apreensão da realidade de modo profundo, deixam o autor apreender o problema do homem de engenho, penetrar no seu ambiente, no seu modo de viver. Esta descoberta do Brasil é fator do Modernismo marcante.

**O estilo de José Lins é funcional**, pleno de vocábulos e expressões regionalistas, próprios das gentes do nordeste. Existe uma profunda integração de forma e fundo.

**Fogo Morto destaca-se pela vivacidade e pelo tom coloquial repetitivo dos diálogos.** Vamos destacar um trecho, onde conversam o capitão Vitorino e seu compadre José Amaro:

“Pela tarde apareceu o capitão Vitorino. Vinha numa burra velha, de chapéu palha muito alvo, com a fita verde-amarela na lapela do paletó. O mestre José Amaro, estava sentado na tenda, sem trabalhar. E quando viu o compadre alegrou-se. Agora as visitas de Vitorino faziam-lhe bem. Desde aquele dia em que vira o compadre sair com a filha para o Recife, fazendo tudo com tão boa vontade, que Vitorino não lhe era mais o homem infeliz, o pobre bobo, o sem-vergonha, o vagabundo que tanto lhe desagradava. Vitorino apeou-se para falar do ataque ao Pilar. Não era amigo de Quinca Napoleão. Achava que aquele bicho vivia de roubar o povo, mas não aprovava o que o Capitão fizera com a Dona Inês.

— Meu compadre, uma mulher como a Dona Inês é para ser respeitada.

— E o Capitão desrespeitou a velha, compadre?

— Eu não estava lá. Mas me disseram que botou o rifle em cima dela para fazer medo, para ver se Dona Inês lhe dava a chave do cofre. Ela não deu. José Medeiros, que é homem, borrou-se todo quando lhe entrou um cangaceiro no estabelecimento. Me disseram que o safado chorava como bezerro desmamado. Este cachorro anda agora com o fogo da força da polícia fazendo o diabo com o povo.

Ouviu-se a voz de Passarinho cantando na cozinha.

— Este negro está aqui?

— E, está me fazendo companhia.

— Como é que se tem um negro deste dentro de casa, meu compadre? E o mesmo que morar com um porco.

— O pobre tem me ajudado muito. Sinhá me abandonou aqui sozinho e se não fosse ele nem sei como me aguentava.

— Compadre, eu não lhe quero dizer coisa nenhuma. Mas mulher só anda mesmo no chicote. Isto de tratar mulher a vela de libra não é comigo. A minha me adivinha os pensamentos.

— E preciso paciência, é preciso ter calma.

Que calma. Comigo é no duro.

Apareceu José Passarinho, que vendo o capitão Vitorino se chegou todo cheio de medidas.

— Bom dia, Capitão.

Vitorino rosou um bom dia de favor. E o negro, sem dar pela coisa, se dirigiu ao velho:

— Capitão, tem aí um cigarro para o negro?

— Não tenho cigarro para vagabundo.

— Um cigarrinho. Capitão.

Então Vitorino, metendo a mão no bolso:

— Toma lá, isto me deu um filho de filho de Anísio Borges que chegou dos estudos; é fumo da Bahia, é muito fraco. E passou para Passarinho um maço quase cheio de cigarros.

— Este Capitão veio do céu.”

Destaca-se a habilidade do autor **em estruturar as seqüências narrativas**, entrelaçando as ações dos personagens em todas as partes e fixando a decadência econômica do Engenho de Santa Fé juntamente com a decadência da própria vida das famílias, que lá moram.

E como critério de aproximação das falas do narrador e da personagem, o autor serve-se muitas vezes do DISCURSO INDIRETO LIVRE.

“A filha continuava chorando como se fosse uma menina. **O que era que tinha aquela moça de trinta anos? Por que chorava sem que lhe batessem? (. . .) Por que chorava daquele jeito? (. . .) Sinhá tinha culpa de tudo**” (pág. 8/9)

**Fogo Morto** é dominado pelos diálogos, embora sua narração seja de 3ª pessoa. Isso faz com que, em vez de uma história, o livre pareça antes um drama, em que os personagens parecem agir e falar por conta própria. Através de Vitorino o autor mostra, serve-se do destemor dos loucos.

“— E preciso paciência, é preciso ter calma.

— Que calma. Comigo é no duro.

Vitorino rosnou um bom-dia de favor.”

De modo semelhante, as mudanças de posição, entrada e saída de personagens, não alteram substancialmente o cenário. Daí a vocação teatral desse romance, que poderia ser encenado com poucas alterações de palco. Depois, é um drama enxuto: tudo converge para o núcleo do enredo — oposição entre autoritarismo e Liberdade Individual. Em inúmeras situações o narrador intervém muito pouco. (Sirva-se como exemplo de 214-219).

Não poucas vezes nota-se uma como que fuga, desvio, da narrativa, no entanto, é o clima **poético e romanesco** integrantes do livro.

José Passarinho, lá para dentro, cantava:

“Vá embora, dona/ Que eu não solto não; / Pois seu filho é ruim!

Matou muita gente / Lá no meu sertão, / Da minha justiça, / Não fez caso não.”

Era a história de um cangaceiro por quem a mãe fora pedir clemência ao Presidente. Ela dava tudo ao homem para soltar o filho, terra, dinheiro, uma mulata bonita. Tudo ela dava pelo filho que ia morrer na forca. E tudo o homem recusou. As lágrimas da mãe correram de escada abaixo e o Presidente, muito duro, tinha a sua justiça, tinha a força para o cangaceiro terrível. O MESTRE JOSE AMARO PAROU UM INSTANTE PARA OUVIR O FIM DA HISTÓRIA.” (pág. 218).

## CRITICA

1 — “Conta a história da sua terra, ele nos põe diante dos olhos como documento autêntico, toda a vida do Nordeste: o mandonismo do coronéis, o conflito dos patriarcas rurais com os jovens bacharéis fracassados, a luta do progresso da industrialização contra-o atraso feudal (a usina devorando o bangüê); o espetáculo dramático do fanatismo popular, e as tropelias dos bandoleiros soltos a fazer justiça corri as próprias mãos, truculentos e brutais; as intrigas miúdas da política municipal, e por cima, e mais que tudo isso, o dom de uma infinita poesia na paisagem, nas coisas, nas criaturas em tudo. (Peregrino Júnior).

2 — “A obra de José Lias do Rego é ele mesmo. E profundamente triste. E uma epopéia da tristeza, da tristeza da sua terra e da sua gente, da tristeza do Brasil. Há na sua obra a consciência de que tudo está condenado a adoecer, a morrer e apodrecer. Há certeza da decadência dos seus engenhos e dos seus avós, de toda essa gente que produziu como último produto, o homem engraçado e triste que lhe erigiu o momento. É grande literatura. É a consciência literária da casa-grande e da senzala, dos senhores de engenho e dos pretos, dos bacharéis e dos moleques, de todo um mundo agonizante.” (Otto Maria Carpeaux).

### 3 — Fogo Morto — Peça teatral — Apreciada pelo próprio romancista

*Em setembro de 1955, figuras de teatro, dentre as quais se destacava José Carlos Cavalcanti Borges, converteram em peça teatral o romance Fogo Morto, de José Lins do Rego. O próprio autor, em registro de sua seção “Homens, coisas e letras” em O Jornal, edição de 16 de setembro daquele ano, confessa curiosamente a impressão que lhe causou a encenação de Fogo Morto:*

Fui ver em São Paulo, levada por um grupo de amadores, a adaptação que fêz, para o teatro, José Carlos Cavalcanti Borges, de meu romance Fogo Morto. E a impressão que me deixou o esforço e a coragem dos jovens amadores paulistas foi a melhor. Para uma sala cheia o drama de Luís de Holanda Chacon, o Seu Lula, chegou a me empolgar. A doença e o orgulho se encontraram na obsessão pela grandeza defunta. José Carlos conseguiu exprimir em diálogos e monólogos a decadência da família rural destruída pela soberba de um homem no fim de raça. A doença deu a Seu Lula um tom lúgubre de raciocínio. Tudo para ele se resumia na filha que ia se consumindo na esterilidade de uma vida reclusa. O mundo lá fora não existia para o pai que sonhava com um príncipe para entregar a sua filha. Tudo que não fôsse a medida de seu sonho era uma vergonha. Assim o drama cresce em poesia pungente. A figura da mãe sacrificada é uma imagem da dor concentrada nas humilhações da pobreza. A presença de Vitorino Carneiro da Cunha dá à adaptação de José Carlos um triste cômico de teatro espanhol. Vitorino se espalha com a sua loucura como um verdadeiro pé-de-vento. O trágico e o cômico se cruzam na sua personalidade em atitudes e gestos que nos emocionam. Vitorino faz rir e chorar como um chapliniano autêntico. Dou parabéns a José Carlos Cavalcanti Borges. O que ele sentiu de meu livro é bem o comentário doloroso de um fim de época. Há muito de Pernambuco dos últimos senhores arrebatados na vigorosa interpretação de seu drama. Eu mesmo que imaginei os personagens me deixei surpreender pelos achados do escritor que soube arrancar das minhas pobres almas as suas terríveis particularidades.